

14930 - saberes da natureza e conhecimento etnobotânico indígena: o caso da comunidade Kaingang na Terra Indígena do Guarita.

Knowledge of nature and indigenous knowledge ethnobotanical: the indigenous community kaingang the terra indígena do guarita .

PÖRSCH, Juliano¹; KUBO, Rumi Regina²; BALLIVIÁN, José Manuel P.P³;
PINHEIRO, Patrícia dos Santos⁴

1 Emater/RS-Ascar, juliano.porsch@gmail.com; 2 UFRGS, rumikubo2002@yahoo.com.br; 3 Comin, cominguarita@redemeganet.com.br; 4 CPDA-UFRRJ; patriciasantspinheiro@gmail.com;

Resumo

Este trabalho estudou a diversidade de plantas e seus usos pela comunidade Kaingang da Terra Indígena do Guarita – RS. Realizou-se levantamento etnobotânico a partir de três informantes-chave das comunidades de Pedra Lisa e Três Soitas. Foram analisados a forma de preparo e o modo de uso das plantas medicinais, além da parte da planta utilizada, bem como as compreensões e significações dos Kaingang frente à alimentação, plantas depurativas, plantas ritualísticas e repasse do conhecimento. O uso de alimentos como promotores de saúde pelos Kaingang é significativo na medida em que mantêm o uso de alimentos que facilitam o bom funcionamento de todo o organismo. As palavras “feitiço” e “segredo” foram várias vezes citadas, denotando a importância que a ritualização e os caracteres espirituais representam para este povo.

Palavras-chave: Etnobotânica; índios Kaingang; plantas medicinais; plantas alimentares.

Abstract: This work studied the diversity of plants and their uses by the Indigenous community Kaingang the Terra Indígena do Guarita - RS. Ethnobotanical survey was carried out from three key informants from the communities of Stone and Lisa Three Soitas. We analyzed the form of preparation and method of use of medicinal plants, and the plant part used and the understandings and meanings of Kaingang towards meals, depurative plants, plants and ritualistic passing of knowledge. The use of health-promoting foods such as by Kaingang is significant in maintaining the use of food that facilitate the proper functioning of the whole organism. The words "spell" and "secret" were mentioned several times, denoting the importance of the spiritual ritualization and characters to represent these people..

Keywords: Ethnobotany; Kaingang; medicinal plants; food plants.

Introdução

A Terra Indígena (TI) do Guarita, local de realização deste estudo, foi homologada em 04 de abril de 1991, com área total de 23.406 ha e 5.210 habitantes, situada nos municípios de Tenente Portela, Redentora e Erval Seco (ISA, 2010). Desta, praticamente a metade ainda possui vegetação primária (Floresta Estacional Decidual e Floresta Ombrófila Mista) com baixa degradação antrópica. Esta TI é distribuída em 14 setores Kaingang e dois setores da etnia M'byá Guarani.

O objetivo deste trabalho, que fez parte do Trabalho de Conclusão do Curso de Tecnologia em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi analisar a diversidade de plantas e seus usos pela comunidade Kaingang da Terra Indígena do Guarita, realizando um levantamento de espécies de plantas utilizadas, a caracterização ecológica, a identificação etnotaxonômica, bem como a finalidade e a forma de uso de cada espécie ou grupo de espécies, a partir de três informantes-chave das comunidades de Pedra Lisa e Três Soitas. Busca, da mesma forma, tecer algumas interpretações sobre a importância e significado cultural destas plantas para a comunidade Kaingang e para as comunidades do entorno. Foi dada ênfase maior às plantas

medicinais e alimentícias, principalmente porque se relacionam com uma das questões centrais para a reprodução social destes grupos: a saúde em sentido amplo.

Segundo Posey (1992), povos ou comunidades tradicionais são sociedades que vivem em associação direta com seus habitats naturais e, por conta disso, possuem vasta experiência na utilização e conservação da diversidade biológica. Esses conhecimentos contribuem para a coesão destes grupos e a manutenção de sua cultura, mas também podem constituir soluções para os problemas de saúde ou ambiental das sociedades humanas como um todo. Salvar estes conhecimentos, reconhecendo o valor por estas questões é uma das preocupações veiculadas por esta perspectiva de estudo.

Os Kaingang dividem sua sociedade, bem como toda a natureza, em duas metades exogâmicas, patrilineares, complementares e assimétricas, chamadas de Kamé ou Kamẽ e Kainru-kré (ou apenas Kainru, kanhru ou kajru), como relatam Silva (2008), Haverroth (1997), Comin (2003), entre outros. Conforme Silva (2008) e Comin (2003), as divisões Kamé e Kainru são representadas pelas marcas ra teg (marca comprida “ | | ”) e ra ror (marca redonda “ O ”), respectivamente. A partir dessa conformação cosmológica de mundo, buscam compreender e estar no mundo, interagindo com os seres humanos e não-humanos, bem como com outras culturas, os quais incluem-se os brancos ou não-indígenas. Nesse contexto, a partir das plantas e das práticas associadas a estas, buscamos identificar algumas manifestações desse contraste entre distintas formas de conceber o mundo.

Para a análise, busca-se também estabelecer comparações com outros levantamentos botânicos e etnobotânicos na região (Magalhães, 1997, Kubo, 1997) ou com esta etnia.(Haverroth,1997; Silveira, 2005)

Metodologia do trabalho

A coleta dos dados etnobotânicos foi realizada a partir de observação participante com coleta de informações através de entrevistas abertas, com informantes selecionados de acordo com o conhecimento que dispõem sobre o assunto (reconhecimento público) e a predisposição no repasse das informações para o trabalho. Foram realizadas nas casas, arredores e áreas de mata nas comunidades de Pedra Lisa e Três Soitas.

O levantamento etnobotânico e ecológico foi realizado privilegiando as plantas que os entrevistados entendem como importantes para a sua família ou comunidade.

Por motivos éticos, relacionados a salvaguarda do conhecimento desses grupos, não está sendo usada nomenclatura científica em nível de gênero e espécie, apenas será delimitada a família a que pertence a planta, além do uso do nome popular em português e do nome kaingang quando conhecido. A identificação das famílias seguiu definição baseada em APG II, Angiosperm Phylogeny Group (Missouri Botanical Gardens, 2003), através das publicações de Souza & Lorenzi (2008), Lorenzi & Matos (2008), além dos sites do Missouri Botanical Gardens e Flora Digital do Rio Grande do Sul.

Resultados e discussão

Levantamento etnobotânico Kaingang

O levantamento etnobotânico resultou numa listagem de 65 plantas, de 35 diferentes famílias, abrangendo as famílias Fabaceae, com 9,2% das espécies, Lamiaceae e Myrtaceae, com 7,7% cada, Asteraceae, Poaceae e Solanaceae, contribuindo com 6,2% cada uma, e Euphorbiaceae, com 4,6%. Cinco famílias apresentaram duas espécies cada e somaram 15,3% das espécies, sendo: Agavaceae, Cucurbitaceae,

Malvaceae, Meliaceae e Rosaceae. Com apenas uma espécie, houve 23 famílias citadas, que são: Apiaceae, Araceae, Araliaceae, Arecaceae, Boraginaceae, Bromeliaceae, Cannabaceae, Caricaceae, Convolvulaceae, Dryopteridaceae, Ebenaceae, Marantaceae, Myrsinaceae, Oxalidaceae, Phytolaccaceae, Polygonaceae, Pteridaceae, Rubiaceae, Sapindaceae, Symplocaceae, Urticaceae, Verbenaceae e Violaceae. Não foi identificada uma espécie epífita conhecida como krýgmẽ-mrūr.

O habitat de coleta mais significativo é o de mata primária ou floresta, que correspondeu a 55,4% das espécies coletadas, seguido do habitat capoeira, com 18,5%, das áreas cultivadas, com 16,9%, plantas de capoeira e matas secundárias, 6,2%, e roça nova e campestre, com 1,5% cada.

Essa grande proporção de plantas do habitat florestal também é visto em Silveira (2005) e remete à interação dos Kaingang com o mato e sua condição de evitar o uso de plantas medicinais ou ritualísticas expostas ao olhar dos outros.

O hábito de crescimento de todas as espécies pesquisadas, tanto as de uso medicinal, como alimentar, de artesanato, ritualístico e outros usos apresentou-se distribuído da seguinte forma: 46,1% de ervas, 36,9% de árvores, 7,7% de arbusto, 3,1% para lianas, 3,1% de plantas apoiantes e 3,1% de epífita e hemiepífita.

A predominância do hábito herbáceo foi constatada em outros trabalhos, como de Magalhães (1997), Kubo (1997) e Silva (2002), mas cabe ressaltar que o uso de espécies arbóreas também é muito alto.

Uso das plantas pelos Kaingang

O levantamento apresentou um total de 78 espécies de plantas. Algumas plantas apresentam mais de um uso - algumas tiveram citações para três diferentes usos - resultando em 86 citações de uso diferentes. Estas citações, e por consequência, as plantas, foram distribuídas em cinco categorias de uso diferentes.

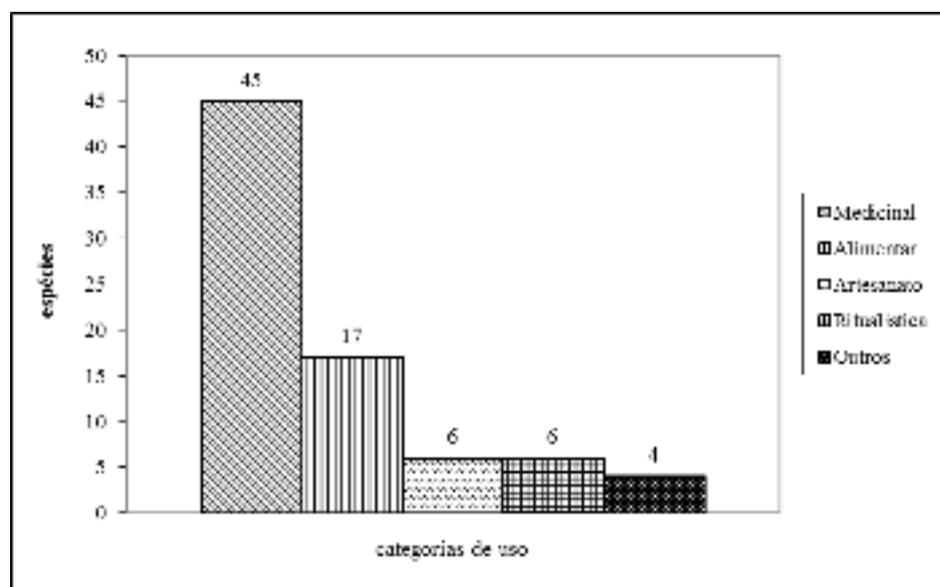


Figura 1: Distribuição das citações por categorias de uso das plantas utilizadas nas comunidades Kaingang de Pedra Lisa e Três Soitas pertencentes à Terra Indígena do Guarita, Tenente Portela, RS. Fonte: Dados da pesquisa.

No grupo Outros Usos, estão plantas utilizadas para estética corporal, extrativismo vegetal, repelente de insetos e como papel para “paieiro” (cigarro feito com fumo em corda). De uma forma geral, o número de espécies e seus diferentes usos,

sobretudo relacionados à saúde e alimentação, indicam a importância que a riqueza florística possui para a comunidade Kaingang.

Quanto à forma de preparo das plantas de uso medicinal, categoria mais numerosa, vê-se predominância da forma de ‘chás’, tanto preparados por decoção (fervura da parte utilizada), infusão (colocar água fervente sobre a parte a ser utilizada) e maceração (folha esmagada colocada em água fria). Outros trabalhos, como de Kubo (1997), também encontraram o predomínio do uso na forma de chás. Neste trabalho, algumas plantas, que tradicionalmente são tomadas junto à água do chimarrão, tiveram seu preparo considerado como infusão, visto que a água usada para o chimarrão não é fervida.

Além dos chás, também são usadas lavagens (5,05% das citações), principalmente para picadas de cobra e insetos, como para lavagem de olhos para “dor de vista” (conjuntivite). Para erupções na pele, como “cobreiros” e câncer de pele, são usadas folhas amassadas que são passadas sobre a parte afetada. Também se utiliza folha amassada de uma planta conhecida como krÿgmẽ (Araliaceae) no rosto, sendo que esta possui efeito estimulante a fim de manter a pessoa acordada ou mesmo para que os cachorros fiquem mais ativos durante a caça.

A alcoolatura foi citada duas vezes (5,05%) para a mesma planta (Agave), porém, para uso medicinal diferente: para doenças venéreas e para problemas respiratórios. Duas espécies (5,05%) são preparadas no pilão para posterior administração oral: uma para controle de parasitas (vermes e solitárias) e outra para “peste” do gado. Esta informação confirma o fato do uso do pilão ainda nos dias de hoje pela comunidade Kaingang.

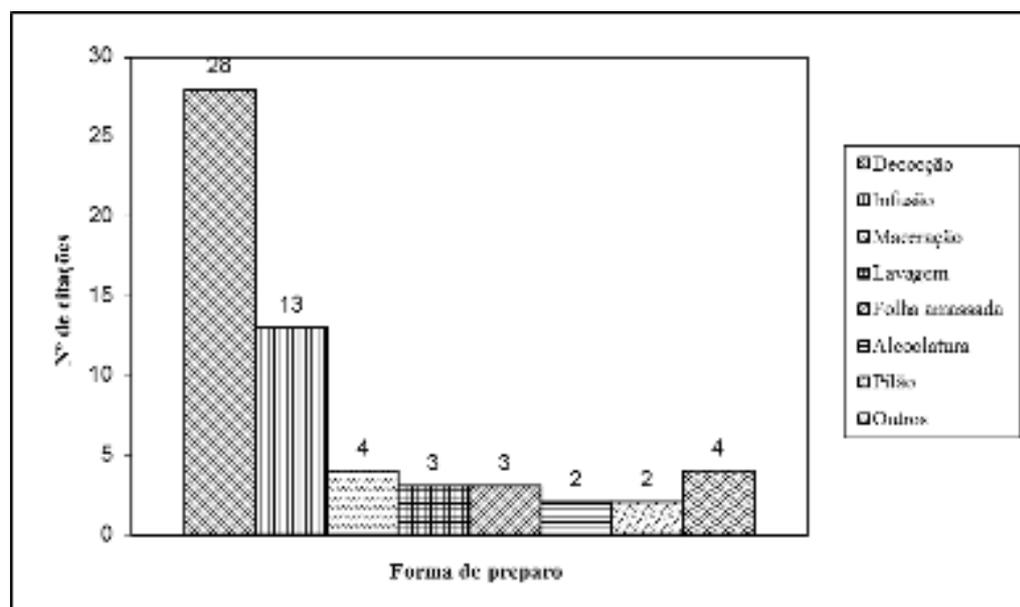


Figura 2: Distribuição das citações por formas de preparo das plantas de uso medicinal nas comunidades Kaingang de Pedra Lisa e Três Soitas pertencentes à Terra Indígena do Guarita, Tenente Portela, RS. Fonte: Dados da pesquisa.

Ainda no grupo Outros Usos podemos citar o uso de samambaia (feto macho) na forma de colchão para prevenção de doenças venéreas; emplastro de capororoca para furúnculo; mastigação de *senhurum* para picada de cobra e xarope de caraguatá para problemas respiratórios.

Entre as partes utilizadas das plantas, sobressai o uso de folhas (40,7%), seguido de casca (22,0%), parte aérea de ervas (folhas + caule), com (10,2%); raízes (6,8%),

plantas inteiras (3,4%) e tubérculos (3,4%). No grupo Outras partes, encontram-se: broto, cacho, caule, cerne (durâmen), entrecasca, fruto, semente e sumo.

Magalhães (1997) identificou 32% de uso de folhas, 16% de entrecascas, 14% para a planta toda; 12% para raízes e 7% de uso de caules. Silveira (2005), em estudo com Kaingang, cita o uso de 40% de folhas, 12% de caules e troncos, além de 9% para cascas, 9% para flores e 9% para raízes.

As principais doenças e problemas tratados a partir de plantas medicinais

Segundo informações colhidas junto ao Sistema de Saúde em Tenente Portela, os problemas de saúde que mais possuem atendimento entre os Kaingang são os respiratórios e gastrointestinais (principalmente diarreias). O maior número de atendimentos se dá em crianças, principalmente no período de agosto a outubro. Possivelmente, os problemas gastrointestinais advêm de problemas na armazenagem dos alimentos, devido à falta de geladeiras e ao escasso sistema de distribuição de água potável.

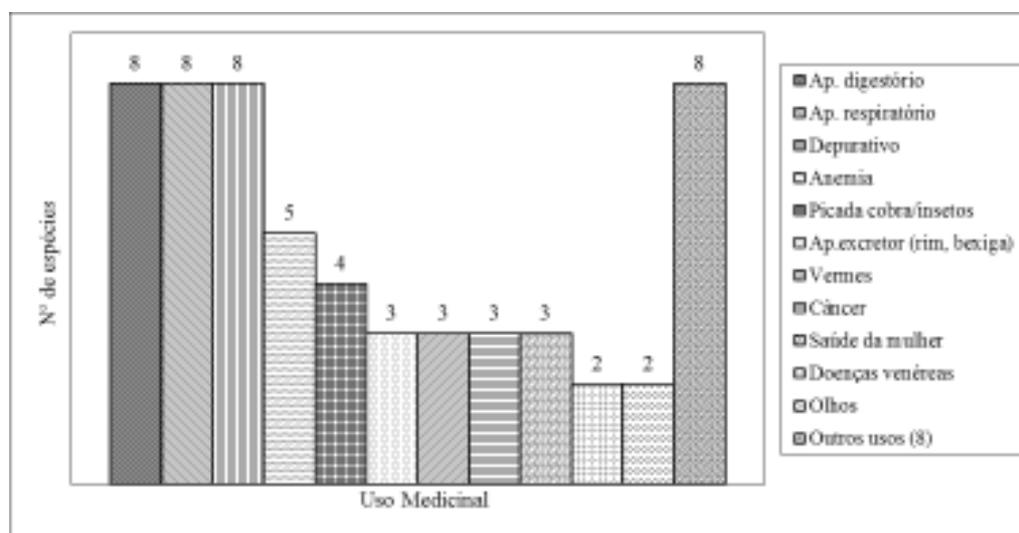


Figura 3: Distribuição dos tipos de doenças e problemas tratados com plantas medicinais nas comunidades Kaingang de Pedra Lisa e Três Soitas pertencentes à Terra Indígena do Guarita, Tenente Portela, RS. Fonte: Dados da pesquisa.

Em geral, a comunidade Kaingang se utiliza do sistema público de saúde, com o uso de medicação quimioterápica. Para diarreias, geralmente são usados um antibiótico e um antiespasmódico (analgésico). Já para problemas respiratórios, antibiótico à base de amoxicilina. No entanto, algumas famílias se utilizam de remédios caseiros para estes problemas, com resultados bastante satisfatórios, não necessitando de tratamento quimioterápico. Na visão de um entrevistado, algumas orientações médicas sob a perspectiva da biomedicina tem efeitos adversos, como por exemplo, o “soro” usado no posto de saúde faz a criança “decair”, ou seja, perder peso, ficar fraca.

Entre as principais doenças e problemas tratados com plantas, estão aquelas que contribuem para a resolução dos principais problemas de saúde enfrentados hoje pela comunidade Kaingang, como evidenciado pelos principais casos tratados no posto de saúde, que são os problemas respiratórios e diarreias.

Para o aparelho digestório, que envolvem os problemas de diarreia, gastrite, colite, azia e má digestão, foram citadas oito espécies, sendo que, destas, três espécies são mirtáceas de tradicional efeito adstringente e antidiarreico, que são pitanga, sete-capotes e jabuticaba. As demais espécies são o gervão, joá, toco-verde e

guanxuma, além da espécie sete-sangrias. O que chama a atenção é que, para os problemas digestivos, todas as plantas citadas são preparadas através de decocção (fervura).

Quanto aos problemas respiratórios, também houve a citação de oito espécies, que, segundo os informantes, possuem boa eficácia para gripe, tosse, dor de garganta e febre. Plantas como boldo, nêspora e caraguatá têm como adjuvante o mel, já o agave é misturado com mel e cachaça. Na ausência do mel, muitas vezes, é substituído por açúcar e limão. A guiné também teve citação para problemas respiratórios, no entanto, foi prevenido que este é um “remédio forte”.

Outro uso que teve oito espécies elencadas foram os depurativos, que parece ser um diferencial nas culturas tradicionais, as quais dão prioridade à eliminação de impurezas do corpo a fim de prevenir o surgimento de doenças. Nesta classe, aparece bastante o uso de cascas, como no caso do tarumã, sucará, quina e pata-de-vaca, que são preparadas por decocção. Ainda aparece o uso da salsaparrilha, do krýgmě, cipó-sumo e pega-pega. Depuração é o ato de purificar o organismo, facilitando a eliminação de produtos do metabolismo. No trabalho realizado, constatamos que muitas das plantas utilizadas pelos kaingang possuem efeito de limpeza/depuração do organismo, seja pela forma de depuração do sangue, como diuréticos ou melhoradores dos processos digestivos.

Nesta concepção, plantas como sucará, krýgmě, gervão, urtigão, joá, quina, sete-sangrias, pata-de-vaca, cipó-sumo, tarumã, toco-verde, guanxuma, salsaparrilha, caraguatá-miúdo, abóbora e moranga auxiliam os sistemas excretor (rins e bexiga), digestório (estômago, intestinos, pâncreas e fígado) e endócrino (pâncreas principalmente).

Este uso parece um fator de diferenciação nas concepções de saúde e doença tanto por parte dos índios, como por outras populações tradicionais, em comparação com colonos de origem europeia. Enquanto os dois primeiros se utilizam de plantas com “poder” mais forte visando à depuração (“limpeza”) do sangue e o fortalecimento do organismo, o último grupo se utiliza mais de paliativos, como chás para dor de cabeça, dor de barriga, infecções na garganta, entre outros.

Neste sentido, a “nova” medicina repassada nos postos de saúde pode, ao longo do tempo, debilitar a saúde da comunidade indígena pelo não uso dos “fortificantes” do organismo. De acordo com estudos do itinerário terapêutico, a busca por tratamentos se dá, paralelamente e simultaneamente, em diversas fontes, de maneira que a recorrência a tratamentos da biomedicina não implica que outros tratamentos não sejam buscados. Essa é a realidade em contextos de intermedialidade, característicos entre povos indígenas.

Para Rosa & Gogulski (2002), há considerável diferença entre as formas de colheita e preparo dos remédios se comparados os Kaingang e os colonos de origem europeia. Em primeiro lugar, geralmente os índios não possuem o remédio armazenado, a não ser aqueles que a família usa no cotidiano, e, quando necessário para alguma doença, buscam no mato, conforme a doença, época e lugar.

Outra diferença está no preparo. Como os Kaingang sempre estiveram em constante movimento, tinham dificuldade de ferver a água em suas cuias ou potes de barro, sendo assim, se utilizavam de outros meios para o preparo, como mastigação das folhas com saliva, folhas mastigadas e diluídas com água fria, socadas em pilão e bebidas com água fria, morna ou fervida, tinturas no álcool, xarope, pomadas de gordura de animais, cataplasmas com barro, compressas de barro misturadas com plantas e saliva, fazendo pó, queimando planta e usando cinza ou carvão, além de ferver a planta na água (ROSA & GOGULSKI, 2002).

No trabalho de Magalhães (1997), constata-se que, com relação ao número de plantas para cada uso medicinal, aparecem, em primeiro lugar, plantas ligadas à cura de doenças no aparelho digestório (17 plantas), que, para o entrevistado daquele trabalho, “eram desencadeadoras de diversos outros males, pois traziam impurezas ao sangue”. (MAGALHÃES, 1997, p. 109), seguidas pelas depurativas e fortificantes do sangue (16 plantas).

Outros pesquisadores que trabalham com Kaingang relatam o uso da defumação com este mesmo sentido (Rumi Regina Kubo, comunicação pessoal). Neste caso, haveria uma conotação de limpeza espiritual. Assim, esta categoria de uso das plantas encontra-se relatada em outros levantamentos e sua interpretação remete a concepção de saúde e cura na perspectiva deste grupo. Como anteriormente comentado, diferente da concepção da medicina alopática de cura pelos contrários (usa-se um remédio para combater diretamente o causador da doença), na perspectiva das pessoas entrevistadas, embora o objetivo seja combater a doença, pensa-se na purificação, eliminação das impurezas e consequente fortalecimento do indivíduo como uma forma de buscar a cura. Nesta concepção, o alimento também se configura como um remédio.

Também na lógica de fortalecimento do corpo, aparece em quarta colocação o item Anemia, com cinco espécies catalogadas. Foi citado, além de anemia, o nome “amarelão”, sendo que as cinco espécies deste grupo são o jerivá, cipó-sumo, amora-branca, cipó-escada e salsaparrilha.

Para picadas de cobra e insetos, houve quatro espécies indicadas, demonstrando a necessidade dos Kaingang em conhecer plantas que resolvam problemas de emergência como é o caso de uma picada de cobra. Nesta situação, uma planta indicada foi o senhurum, que após ter sua folha mastigada, se aplica sobre a parte do corpo afetada. Em outro caso, mistura-se a “água” (sumo) do urtigão com arroz de macuco e guiné para realizar lavagem no local da picada (Posey, 1992).

Em problemas do aparelho excretor, rins e bexiga, também com intuito de eliminação de impurezas e toxinas do corpo, se utilizam três plantas: a raiz do urtigão e as cascas do sucará e da pata-de-vaca. Segundo os Kaingang, há o controle de pedra nos rins, dores na bexiga e ácido úrico com o uso destas plantas.

Um problema que é bastante recorrente no Guarita é a verminose, sendo que foram citadas três espécies que possuem controle satisfatório sobre as infestações, que são a erva-de-bicho, a hortelã e a semente da abóbora, que controla vermes como a solitária (*Taenia* sp), sendo que já foi demonstrada cientificamente sua eficácia vermífida pela presença do aminoácido não proteínogênico “cucurbitina” (LORENZI & MATOS, 2008).

Houve citação de três plantas para cura de câncer, duas para câncer de útero, que são carrapicho-de-carneiro e mata-campo, e uma para câncer de pele, a laranjeirinha. No item Saúde da Mulher, foram consideradas três plantas, uma que aumenta a fertilidade da mulher, o krýgmě-mrūr, que é uma epífita não identificada cientificamente, a samambaia, que se usa para cólicas pós-parto, e a avenca para regular (“descer”) a menstruação.

Para doenças venéreas, foram citadas duas espécies, sendo que uma delas era usada antigamente de forma curiosa. Da samambaia, se faziam feixes para o casal dormir em cima por sete dias a fim de “não pegar peste”. Outra espécie é o agave (espécie exótica), da qual se prepara uma alcoolatura com mel e cachaça.

No caso de doenças nos olhos, geralmente conjuntivite ou “dor de vista”, o tratamento é feito com lavagens do macerado de alfavaca ou de grandióva.

Foram citadas mais oito indicações de uso, cada uma com uma espécie citada, somando 14% no total. Estas indicações foram para cura de: “cobreiro” (virose),

feridas, furúnculo, hematomas, hipertensão e peste do gado, além de fortalecimento da memória e estimulante.

Conclusões

Conseguimos com este trabalho, atingir os objetivos propostos que consistiam em analisar a diversidade de plantas e seus usos específicos pela comunidade Kaingang da Terra Indígena do Guarita – RS, realizando levantamento de espécies de plantas utilizadas, sua caracterização ecológica e sua identificação taxonômica, bem como o tipo e forma de uso de cada espécie ou grupo de espécies, além de indicar algumas observações e interpretações sobre a importância das plantas para comunidade Kaingang.

Referente ao papel das plantas para os Kaingang percebe-se a continuidade do uso das plantas importantes para a comunidade, bem como suas ritualizações, além do sentido de pertencimento que estes têm ao seu modo de ser e a sua cultura. Quanto ao conhecimento, o repasse geracional ainda existe, mas levando em consideração aspectos de sua cosmologia, como, por exemplo, o repasse de informações mais aprofundadas sobre plantas medicinais e ritualísticas quando o repassador já está em idade avançada. Neste sentido, verificamos a compreensão deste povo frente às doenças espirituais que são inerentes aos “feitiços” e a sua cura dependente desta ritualização kaingang.

A alimentação tradicional dos Kaingang não conseguiu ser mantida como base atual de sua alimentação, tanto pela eliminação de seus pinhais, como pela mudança no seu modo de vida, tendo estes, hoje inseridos novos alimentos à sua dieta. No entanto, muitos ainda se utilizam de alimentos como o fuá, o pisé, além de manter constante o uso de batata-doce, mandioca, moranga, abóbora, entre outros. Por outro lado, as condições de pobreza a que muitas famílias se encontram os inferem a uma condição de risco social a que as políticas públicas ainda não têm sido eficientes e constantes.

Agradecimentos

Ao povo Kaingang, pela acolhida e ensinamentos repassados.

Referências bibliográficas:

COMIN. **SEMANA DOS POVOS INDÍGENAS – 2003**. Parentes e amigos unidos pela reconstrução da vida: A natureza como fonte e parceira do povo. COMIN, São Leopoldo, RS, 2003.

FLORA DIGITAL DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em <<http://www6.ufrgs.br/fitoecologia/florars/index.php>>. Acesso em Janeiro de 2011.

HAVERROTH, Moacir. **Kaingang** – um estudo etnobotânico: uso e classificação das plantas na Área Indígena Xapecó. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Florianópolis: UFSC, 1997.

ISA (Instituto Socioambiental), **Terra Indígena do Guarita**. Disponível em <http://pib.socioambiental.org/caracterizacao.php?id_arp=3680> acesso em 12 de setembro de 2010.

KUBO, Rumi Regina. **Levantamento das plantas de uso medicinal em Coronel Bicaco, RS**. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Botânica), Porto Alegre: UFRGS, 1997.

LORENZI, Harri; MATOS, Francisco J. de Abreu. **Plantas medicinais no Brasil: Nativas e Exóticas**. 2ª Ed. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum, 2008.

MAGALHÃES, Rodrigo Gastal de. **Plantas Medicinais na Região do Alto Uruguai – RS: Conhecimentos de João Martins Fiúza, “Sarampião”**. 1997. Dissertação (Mestrado em Botânica – UFRGS, Porto Alegre, 1997.

MISSOURI BOTANICAL GARDENS – **Angiosperm Phylogeny Group, APG-II**. Disponível em <www.mobot.org/mobot/research/apweb/>. Acesso em janeiro de 2011.

POSEY, Darrel A. Etnobiologia e etnodesenvolvimento: importância da experiência dos povos tradicionais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE MEIO AMBIENTE, POBREZA E DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA, 1992, Belém. **Anais**. Belém: Governo do Estado do Pará. p. 112-117.

ROSA, J.M.O. da; GOGULSKI, Pe. Estanislau. **O segredo milenar da cura indígena**. Erechim – RS. 2002.

SILVA, Sergio Baptista da. **Sociocosmologias indígenas no espaço metropolitano de Porto Alegre**. FASC-03, 2008, p. 73-89.

SILVA, Raullyan Borja Lima e. **A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil**. 2002. 172 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2002.

SOUZA, Vinícius C.; LORENZI, Harri. **Botânica Sistemática: Guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG-II**. 2ª Edição. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum, 2008.